

# A ILLUSTRAÇÃO

REVISTA QUINZENAL PARA PORTUGAL E BRAZIL

**RIO DE JANEIRO**  
 GAZETA DE NOTÍCIAS, 78, R. da OneMor.  
 Assignaturas  
 ANNO (SÓCIES) 12.000  
 SEMESTRE 6.000  
 ANNO (PROSPERIDADES) 4.000  
 ANNO (SÓCIES) 3.000

1.<sup>o</sup> Anno. — Volume 1. — Numero 1.  
**PARIS 20 DE JUNHO DE 1884**

Director : MAITLAND PIERCE, C. R. de S. P. de Hamburgo.

**LISBOA**  
 DAVIN GONCALVES, 22, R. da Atalaya.  
 Assignaturas  
 ANNO 2.400  
 SEMESTRE 1.200  
 TRIMESTRE 600  
 AVULSO 100



O INDUSTRIAL CHIMICO PASTEUR



## AOS NOSSOS LEITORES

A **ILLUSTRAÇÃO** acaba de instalar os seus escriptorios na rue de Saint-Petersbourg, 6, no grande prédio que forma a esquina da place de l'Europe, em pleno centro de Paris, a dois passos dos grandes boulevards.

Com a instalação dos actuaes escriptorios a **ILLUSTRAÇÃO** proporciona a todos os seus leitores

## UMA AGENCIA GRATUITA

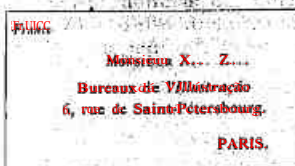
para quaisquer negocios que elles desejem realizar em Paris, ou seja compra de livros, ou outros quaisquer artigos — ou sejam simples informações.

Qualquer leitor da **ILLUSTRAÇÃO** pode-nos fazer as perguntas que quizer sobre preços de artigos parisienses, que a todos responderemos por intermedio do jornal, assim como nos encarregamos da compra de qualquer artigo e de o expedir pelo correio ou pelos paquetes do Havre ou de Bordéas, sem por esse motivo recebermos a minima commissão.

Desejam, por exemplo, um livro que acaba de publicar-se em Paris como a *Sapho*, romance de Daudet, e cujo preço é de 3 francos e 50 centimos. Manda-se a **ILLUSTRAÇÃO** um valle de correio, de 4 francos (50 centimos para o porte) e recebe-se o livro na volta do correio tendo-se pago o franco apenas pelo justo cambio, e não pelo preço exorbitante que os livraes costumam exigir.

## AOS QUE VIAJAM

Todos os nossos leitores em viagem pela Europa e que desejem receber as suas correspondencias em Paris, não tem mais que fazel-as dirigir aos nossos escriptorios, da seguinte forma:



Todas as cartas, jornaes, ou encomendas postaes serão guardadas e somente entregues ao destinatario, evitando-lhes assim todos os encommodos e todas as difficuldades que se apresentam na posta restante de Paris, ou todos os extrativos que se dão pelos hotéis.

Todo e qualquer leitor da **ILLUSTRAÇÃO** que se ache em Paris encontrará nos nossos escriptorios, das duas ás cinco horas da tarde, jornaes portuguezes e brasileiros, e ser-lhes-hão dadas todas as indicações que desejem sobre Paris, taes como: recommendações de hotéis, de estabelecimentos publicos, de theatros, de casas de commercio, etc., etc.

Finalmente: A **ILLUSTRAÇÃO** faz dos seus escriptorios em Paris um grande centro de communicações com todos os seus leitores de Portugal e do Brazil — e tudo isto

**GRATUITAMENTE!**

## SUMMARIO.

Texto: Chronica, por Mariano Pina. — As nossas gravuras: Pastour; Meissonier; A caminho de Longchamps; A Kermesse; Jean Richepin. — *Salve Regina* (soneto), por Luiz Guimarães. — As Blasphemias, por Jayme de Sigalar. — A Kermesse, por Flalho d'Almeida. — *Bibliographia*, por Figaro. — Theatros, por J. Miranda.

GRAVURAS: O illustra clinico Pastour. — O pintor Meissonier. — O « Grand-Prix » de Paris. A Caminho de Longchamps. — A Kermesse de Lisboa, desenho original de Raphael Bordallo Pinheiro. — O poeta Jean Richepin. — Pastour no seu laboratorio. — As experiencias de Pastour sobre a hydrophobia, desenhos de Renouard.

## CHRONICA

**CHRONICA** quatro horas da tarde. Todo um lado do boulevard estava cheio de sol, e este sol tepido e pallido tão proprio das primaveras do Norte.

Paris tinha o ar feliz e contente d'um passaro ha muito fustigado pela chuva e que pode, por um momento, espansar-se á vontade sob a protecção d'um azul macio e delicado, onde não passa sequer um farrapito de nuvem branca.

Era o dia e era a hora do Bosque. Por que não sei se os srs. sabem, que esta cousa que se chama o *Bois de Boulogne* tambem tem o seu dia — a sexta-feira — como o Theatro Francez — a terça-feira.

E tambem tem a sua hora — as quatro — como o absyntho de Paris tambem tem a sua — as cinco da tarde.

A simples vista desarmada e innocente o Bosque de Bolonha tem inteiramente o aspecto d'um bosque — mas d'um bosque filho d'uma civilisação requintada e doentia. Nada d'aquelle aspecto selvagem das florestas que nós vemos desenhadas nos livros de Jules Verne, e nos livros dos exploradores africanos. É um bosque perfeitamente escondado e penteado, havendo entre elle e os outros bosques do universo a mesma differença que existe entre um lavrador do Minho e um gommoso parisiense.

É um bosque com ruas expressamente feitas para cavalheiros, outras para carros, outras para pedões.

É um bosque que permite as mundanas descenderem dos seus *coupés* e dos seus *landaus* e passearem uma hora em todas as direcções, sem uma só pedra ter magoado a sola fina e delicada d'um sapato de verniz ou d'um sapato de setim.

Vejas aristocratas rabajentas, de grandes caracões d'algodão, tem posto no olho da rua muita creada por que em seus palacetes o verniz dos *parquets* é mais aspero do que os macadams do *Bois*...

E não ha tapete do Oriente, nem velludo de Utrecht que possam concorrer com os taboleiros d'esta relva d'um verde que parece misturado com ouro, ou com a tofa pelouse do hippodromo de Longchamps...

Conhecido mais intimamente — o Bosque é um precipicio!

No dia em que bem se respire aquelle ar, em que bem se conheçam aquellas acacias, em que bem se saboreie o *vermouth* da grande cascata ou o *bitter* do pavilhão chi-

nez — no dia, em que um pobre diabo se tenha apropriado bem áquelle meio, áquellas ruas onde rôlam aquellas carruagens e onde se ostentam aquellas mulheres — n'esse dia se um homem se sentir atacado do mal do Bosque e se não tiver pelo menos 10,000 francos por mez, cõra immediatamente a uma loja d'armas, compre um revolver, e metta quanto antes um bocadinho de chumbo no cofre dos miolos — porque é homem morto!...

O abysmo parisiense não está nem nas *coquettes*, nem nos cafés, nem nos restaurantes, nem nos theatros. O Bosque é que é o grande abysmo, o grande turbilhão. No dia em que elle tiver desaparecido — Paris passará a ser uma cidade mais religiosa que a religiosa Braga, e o Eden passará ao estado de templo de moral e de bons costumes, casa de virtude para educação d'infantes.

Por que o estrangeiro chega a Paris e o seu primeiro cuidado é ir ver o Bosque.

São 4 horas. As *remises* estendem-se ao longo do *Grand-Hotel* e ao longo do *Café de la Paix*. Quando um homem se senta n'uma *remise* e o cavallo parte ao longo do boulevard em direcção á praça da Concordia — um homem sente-se feliz, palavra d'honra que se sente feliz!... e até acha barato 25 francos que lhe pediram pelo aluguer do carrito.

E o carrito sobe ligeiro pelos Campos Elyseos... e o ar do Bosque provoca sorrisos — sorrisos, sim! — sorri-se a gente sem saber porque mas a verdade é que se sorri...

Depois ha umas cabecinhas louras que se vêem entrecadas em velludos e setins de *coupés* que passam ao nosso lado...

Ha caniches côr de sépia, de orelha arrebitada e focinho agudo, que nos olham pelas portinholas dos carros com olhares accesos de tysico...

Ha raparigas de dezoito annos, olhos rasgados a bistré e beijos da côr das cerejas, que passam guiando *phaetons*, tendo sentado á esquerda um *grogn* inglez, ruivo como o ouro do Porto, de braços cruzados, feto azul com botões de prata, uma rosa escarlata na abotoadura, tãos, seccoos, imperturbaveis.

Nas ruas para cavalheiros trotam as amazonas de longas saias pretas, os bustos admiravelmente cuidados, sobre a ondulação dos seios um botão aberto de rosa-chá ou um molhinho de cravos côr de palha; e pelas curvas das estradas, por entre troncos d'arvores, perdem-se, palpitam, sorriem, batem azas, os veus azues e verdes dos chapellinhos de copa alta.

E todo um mundo de homens felizes e de mulheres deliciosas rôla sem cuidados pela famosa avenida das Accacias, sem a minima noção do que seja o trabalho, a lucta por este trapo da existencia, comprehendendo apenas a vida como um pretexto para se gastarem massas de notas com bons cavallos, com bons carros, com bons palacetes, com bons cosinheiros e com bons charutos...

E é então que este abysmosiro abre as guellas. É então que o estrangeiro se esquece de tudo, para ser apenas Bosque. É então que se perde a noção do dinheiro e que de toda a parte nos saltam meios facéis e ideias promptas para se gastar o que é nosso e se gastar o que não nos pertence.



É então que nós vemos desfilar na nossa frente a triste caravana das despozas sem fim, que em menos de três mezes levam um homem à ruína... depois ao jogo... e depois ao suicídio — a esta covardia com ares de coragem, que consiste em pegar n'um revolver e desengatilhá-lo quando o caso está colado no ouvido...

#### Ó Bosque! Ó Bosque!

Azê leva um chronista ao mais cruel dos desvãos, ao mais cruel dos erros...

Sim... por que eu não tinha a mínima tensão de lhes falar do Bosque de Bolonha e de seus terríveis e perniciosos efeitos em corpos de estrangeiros.

O que eu lhes queria dizer no começo d'esta chronica é que eram quatro horas da tarde, que havia sol, que Paris tinha o ar feliz e contente d'um piquete, etc., etc... (o que os ses. já leram mais acima...) — quando deparei com um amigo que todos nós conhecemos, que todos nós estimamos, que todos nós admiramos como se fôra um idolo...

O que eu lhes queria dizer é que desci com esse amigo pela rua da Paz, esta rua onde se expõem em thronos de velludo carmesim as mais bellas joias do mundo; e que atravessámos a Praça Vendôme olhando saudosamente para as janellas do *appartement* onde antigamente morou este Brummel de sangue portuguez, que o mundo da galanteria parisiense admirava sob o nome de *Magellan* — e que Lisboa odiava sob os nomes de *Gonçalves* e *Collaço*...

O que eu lhes queria dizer, enfim! é que tinha entrado com este meu amigo no *Hotel Continental*. Elle tomou uma chavona de leite morno que o medico lhe prescrevera para bem do seu estomago ha dois mezes ainda nevrotico; depois subimos ao seu quarto, onde estava adormecida a um canto a sua grande mala de couro, profundamente ingleza e profundamente forte; abrio-a, e em vez de camisas como é naturalissimo na mala de quem viaja, — sabem o que elle tirou lá de dentro, e me deixou ver em todo o brilhantismo da cor e em todo o brilhantismo da luz?...

Um passagio a Cintra, ao longo da estrada dos Sítios, entre gritos d'aves que brincam pelas ramadas dos platânos e canções de regatos que se perdem pelas encostas dos montes.

Ea de Eça de Queiroz e do seu novo romance *Os Maias* — de que elle me leu dois magnificos capitulos — que eu lhes queria fallar.

Mas o Bosque absorveu-me de tal modo que sóno proximo numero lhes fallarei d'esta magnifica leitura, d'esta voz convulsa e febril que eu ainda sinto fallar-me aos ouvidos, dando todas as inflexões do dialogo e todas as nuances do estylo.

E o Bosque é em Paris o grande acontecimento da semana. Tivemos no domingo o *Grand-Prix* onde sahio victorioso um cavallo francez, *Little-Duck*, propriedade do duque de Castries.

Que entusiasmo! que doidice! que loucura! As corridas de cavallos estão sendo o grande divertimento parisiense; e tão populares se tornam que d'aqui a pouco Paris será a terra dos cavallos, como Madrid é a terra dos touros.

São Medard — de cuja lenda nós demos espiritos e encantamentos gravados no ultimo numero da *Illustração* — fez das suas.

Chuva, chuva, e mais chuva! Pareceu um dia de dezembro... Ora como o *Grand-Prix* é o dia solenne para os *tailletes* de verão, imaginem o furo das parisienses! Mas ninguém fultou ao *ventre-pan*. As tribunas cheias e a *palogue* coberta de carruagens. *Tailletes* encantadoras, sendo especialmente preferidas as rendas, as rendas brancas, cor de leite ou um quasi nado cor de creme, deixando advinhur todas as formas e dando as loucas um ar adoravel de frescura e de modicade.

Mas São Medard era implacavel — por que em exactamente o seu dia, 8 de junho. Chuva, chuva e sempre chuva!...

Mas quando se aproximou a corrida do *Grand-Prix*, quando se tentou de saber se era a França ou a Inglaterra que sahia vencedora, — São Medard, n'um nobre arranço de patriotia, deixou que o sol apparecesse quando os cavallos paravam a conquista dos 100.000 francos.

Que anecdota! Porque não sei se sabem que os francezes tomam isto muito a sério. Parece que andu envolvida na historia a dignidade do bandoira tricolor. E quando vêem o Presidente na tribuna, não o encaram como o bom sr. Grévy que vae ali para se divertir, — mas como o chefe do estado que vae presidir a uma questão de honra nacional!...

Que anecdota quando os cavallos partem!

Seremos batidos pelos ingiezes?...

Seremos batidos pelos americanos?...

Mas não... não havemos de ser batidos! É um cavallo francez que vae na frente! São as cores do duque de Castries! É *Little-Duck* que vae sahír vencedor!...

Todos se estendem, todos se curvam, para melhor descobrir na volta o cavallo que vem na frente. Um minuto que vale um seculo! Apparece a cabeça do cavallo, apparece o *jockey*...

... É *Little-Duck*! Hurrah por *Little-Duck*! Hurrah pelo duque de Castries! Viva a França! E então-se a *Marsetheja*!

E todos correm para a pista; e todos acclamam cavallo e cavalleiro; e é verdadeiramente original ver esta onda de vinte mil pessoas, homens e mulheres, saudando o quadrupede vencedor — como se a patria estivesse em perigo e o inimigo batesse ás portas de Paris.

Depois do que São Medard recommegou a sua tarefa, e foi sob uma chuva torrencial que Paris, voltou para Paris, para beber uma taça de champagne á saude do glorioso campeão das cavallarias francezas!

MARIANO PINA.

Recomendamos aos nossos leitores o 5º numero da *ILUSTRAÇÃO* onde deve apparecer o retrato de

#### ALPHONSE DAUDET

o celebre romancista francez autor do novo romance *SAPHO* que em França tem tido um extraordinario exito, — assim como o retrato de S. Ex.<sup>ma</sup> o sr.

#### BARÃO D'ARINOS

o novo ministro do Brazil em Paris, acompanhado d'um artigo sobre o illustre diplomata devido á penna do distincto escriptor brasileiro sr. Sant' Anna Nery.

## AS NOSSAS GRAVURAS

### PASTEUR

**P**ASTEUR é o grande heroe da actualidade, e a França continua a ser de todas as nações do mundo a mais bella e a mais respeitavel pelos seus grandes trabalhos d'espirito.

Os outros grandes paizes da Europa vão adquirendo a sua importância — ou com a insolencia e o despotismo dos seus caesares, ou com o poder mercantil do seu ouro que não compra só fazendas... comprando tambem consciencias. Só a França se conserva no seu equilibrio moral, adquirindo o grande renome ou com as obras dos seus artistas ou com os trabalhos dos seus homens de ciencia.

Foi com grande sentimento que a *Illustração* teve de noticiar a morte de dois chimicos illustres — Dumas e Wurtz — apresentando os seus retratos tanjados de preto. Felizmente que ainda resta Pasteur, e hoje que elle acaba de descobrir a maneira de combater a hydrophobia — é com um vivo prazer que nós publicamos o seu retrato devido ao buell do nosso eminente collaborador Ch. Baude.

Em maio lindo Pasteur apresentou á Academia franceza, de collaboração com os srs. Chamberland e Roux, um curioso relatório sobre a hydrophobia. As suas experiencias consistem em adquirir com o virus rabioso successivamente inoculado em vários coelhos, em vários macacos e em vários cães um virus refractario com que se vaccinam os animaes para os preservar da hydrophobia, como se procede com as crianças para as preservar da variola. Um cão vaccinado por Pasteur resiste a todas as mordeduras de cães damnados, sem soffrer a minima alteração, mesmo quando o virus seja mortal.

Diz o illustre chimico no seu relatório :

« As primeiras experiencias são muito favoraveis, mas é necessario multiplicar as provas em diversas especies de animaes, antes que a therapeutica humana tenha a coragem de tentar sobre o homem esta prophylaxia.  
« Comprehenderão que, não obstante a confiança que me inspiram as numerosas experiencias que faço ha quatro annos, não é sem alguns receios que publico hoje factos que só tendem a uma prophylaxia possivel da hydrophobia.

« E para obdeor a certos escrúpulos que tomei a liberdade de escrever ha dias a M. Fallières, ministro da instrucção publica, pedindo-lhe para nomear uma commissão á qual hei-de submeter os meus cães refractarios á hydrophobia.

« A experiencia principal que tentarei primeiro, ha-de consistir em pegar em 20 dos meus cães refractarios á hydrophobia e collocá-los ao lado de 20 cães que não estão vaccinados. Estes 40 cães não-de ser mordidos por cães damnados. Se os factos que aponto são exactos, os 20 cães considerados por mim como refractarios não-de resistir todos, em quanto que os outros 20 não-de ser atacados de mal.

« Uma segunda experiencia não menos decisiva, será feita com 40 cães, sendo 20 vaccinados na presença da commissão e 20 não vaccinados. Os 40 cães não-de ser em seguida trepanados com o virus d'um cão damnado. Os 20 cães vaccinados não-de resistir. Os outros 20 não-de morrer todos damnados, ou de hydrophobia paralytica, ou de hydrophobia furiosa.

Eis a que se propõe o illustre chimico cujos trabalhos sobre hydrophobia estão aforasendo alvo das maiores attensões dos homens de sciencia de Inglaterra, da Alemanha e da Italia.









Em 8 de dezembro de 1881 a Academia franceza, a academia dos *immortals*, elegeu Pasteur para uma cadeira vaga pela morte de Duvergier de Hauranne. Pasteur não precisava d'este suffragio para se immortalisar. Immortal é-o elle desde os seus primeiros passos na sciencia. Trabalhos de primeira ordem em physica molecular, solução da doutrina da geração espontanea, tratados sobre o vinho, sobre o vinagre, sobre as doenças dos bichos de seda, sobre a cerveja, theoria dos germes nas doenças contagiosas que revolução dia a dia a medicina e a cirurgia, descoberta do virus-vaccinico contra o cholera, etc., etc.

É enfim, Pasteur, de quem hoje damos o retrato, uma gloria da França do seculo XIX; entre os homens de sciencia do nosso tempo é um dos mais notaveis; e de todos os homens d'este seculo é um dos que mais devemos respeitar pois que de todos os seus trabalhos quem mais aproveita e quem mais ganha é a humanidade.

São estes os verdadeiros heroes — mas nem por isso são estes os mais aclamados pela multidão. Não tem diante de si nem tambores para rufarem a sua victoria, nem canhões para apregoar a insolencia do seu despotismo. E muitas vezes um general impertinente é aclamado com delirio pelas massas; enquanto que um illustre homem de sciencia passa, sem ninguém o conhecer, sem ninguém lhe tirar o chapéu...

A curiosa gravura que damos na pagina 60 da *Illustração* representa o illustre chimico no sub-solo do seu laboratorio da Escola Normal, entre as gaiolas dos coelhos submettidos ás experiencias da inoculação do virus rabico e da trepanação. Foi aqui, entre estes animaes que elle fez a sua grande descoberta contra a hydrophobia. Muitas vezes durante o dia ali desceu para tomar nota do estado de todos os seus trepanados e vaccinados, por que o chimico tanto inocula o virus nos coelhos como nos cães, á superficie do cerebro, conservando os animaes na cabeça os traços da incisão.

O coelho é um animal excessivamente pacifico. N'elle a hydrophobia não actua como nos cães; não morde; a paralyzia vem dias depois da inoculação; e em geral são as pernas a primeira parte do corpo que a paralyzia ataca. Quando Pasteur tem duvidas sobre a efficacia do virus, manda pôr o coelho no chão; se o virus ainda não actuou, o coelho foge rapidamente e é necessario correr para o agarrar; no caso contrario marcha com difficuldade. Apoiado sobre as mãos, tal como o representa a nossa gravura da pagina 61, mal se pode mover tão completa é a paralyzia das pernas. A morte chega pouco depois; os olhos do animal tornam-se vitreos; deixa cahir a cabeça para o lado; respira algumas horas n'esta posição — e morre. Levam-no depois para o laboratorio onde os seus orgãos passam a ser objecto do estudo o mais cuidado e o mais profundo.

Uma outra parte do sub-solo é occupado pelas gaiolas onde estão os cães que também são sujeitos ás experiencias. E um d'estes cães, no paroxismo da hydrophobia, que Pasteur mostrava ao desenhador da *Illustração* dissendo-lhe: « Morre amanhã. » O animal fiava-o, o corpo contrahido, a cauda cahida, a bocca espumante, querendo morder. Nem todos os cães são atacados de hydrophobia furiosa; alguns morrem de hydrophobia paralytica; os quatro tipos que se vêem na nossa pagina 61 estão n'este caso; o seu fim é calmo e o guarda pôde afagal-os sem receio.

Contam-se aos centos os animaes que têm sido sacrificados no estudo da hydrophobia e seus modos de a combater.

O terceiro desenho da pagina 61 representa o apparelho onde se colloca o cão quando se lhe vai inocular o virus na superficie do cerebro. O animal, com os membros presos a uma *selle*

de laboratorio, o focinho mettido n'um recipiente cheio de chloroformio, vê-se submettido á trepanação. Uma operação muito simples, diz Pasteur, e que, graças ás precauções tomadas, não causa o menor soffrimento aos animaes. O cão adormece sob a influencia do chloroformio e não resiste ao operador. Faz-se uma incisão na pelle sobre a cabeça; trepanam-o e inoculam-lhe por meio d'uma pequena seringa de crystal, de bico recurvo e aguçado, uma gota do virus extraído d'um animal que morreu damnado.

Os curiosos desenhos que a *Illustração* offerece aos seus leitores são devidos ao lapis de Renouard, o notavel collaborador da *Illustration* de Paris, — unico artista a quem o sr. Pasteur proporcionou a occasião de visitar o seu laboratorio e tomar notas para communicar aos jornaes.

Foi o proprio sr. Renouard que amavelmente cedeu á *Illustração* portugueza aquellos desenhos, merecendo-lhe o nosso jornal phrases da mais viva sympathia pela sua execução artistica.

### MEISSONIER

PARIS resolveu celebrar o cincoentenario artistico do grande pintor Meissonier, organisando uma completa exposição das suas obras, desde a primeira tela que elle pintou em 1834 até á ultima que elle concluiu em 1884. E essa exposição que hoje está chamando enorme concorrência á galeria de Georges Petit, situada na rue de Sèze.

Quando se trata de glorificar não se pensa em criticas, e é por isso que hoje se vê toda a imprensa franceza considerar como um genio o pintor de quem damos o retrato finalmente desenhado por Liphart, e considerar como obras primas todas as telas expostas.

Meissonier é na verdade um grande pintor, mas d'aqui a ser um genio o caminho a percorrer ainda é grande — e dir-se-ia que a França artistica está com fome de celebridades para *épater* o mundo, se todos nós não soubessemos que são francezes e bem francezes os artistas celebres que se chamam Corot, Courbet, Rousseau e sobretudo Millet.

Ha tambem uma razão que obriga Paris a apregoar Meissonnier por toda a parte. Nós devemos declarar a por que não obdecemos a influencia de orgulho nacional. Essa razão é o extraordinario vulto que tem tomado o nome de Fortunio, do pobre artista hespanhol que tão novo morreu, e que estava destinado a eclipsar Meissonnier n'aquillo que é a sua gloria — na prodigiosa execução e delicadeza do desenho e na sua sciencia de colorir.

Meissonier é um artista notavel. Os seus quadros tem um acabamento prodigioso; o seu desenho é levado ao ultimo exagero da perfeição, advinhando-se quasi uma paciencia de chinez; o seu colorido é de veras brilhante e justo. Mas de que consta a sua obra de cincoenta annos? D'um homem que lê sentado a uma meza; d'um homem que lê, sentado n'uma cadeira no meio da casa; d'um homem que lê, de pé, proximo d'uma janella; d'um homem que lê sentado á borda d'uma meza; d'um homem que escreve uma carta; d'um homem que está a pensar antes de escrever uma carta; d'um homem que bebe um copo de vinho; d'um homem que se dispõe a beber um copo de vinho; d'um homem que vai a cavallo ao longo d'uma estrada; d'um general á frente d'um troço de soldados; e sempre o mesmo assumpto; e sempre a mesma figura; e sempre a mesma meza; e sempre a mesma janella; e sempre os mesmos fatos; sempre o mesmo — o mesmissimo assumpto...

Execução admiravel... Colorido brilhante. Mas onde estão as telas de vasta composição, onde um artista deixa correr á vontade o seu espirito, o seu coração, a sua alma? Onde ha uma tela que valha uma d'estas poeticas payza-

gens de Corot? Uma tela de folego como as *Côras* ou o *Enterro d'Ornans* de Courbet? Uma tela profundamente poetica como o redil ou como o *Angelus* de Millet? Uma tela elegante e espirituosa d'uma extraordinaria exactidão de desenho e de colorido como a *Escolha do Modelo* de Fortuny?

Meissonnier adquirio sobretudo a celebridade pelo preço que atingiram os seus quadros. Quando o principe Alberto, o fallecido marido da rainha Victoria, veio a Paris a convite de Napoleão III para assistir á Exposição Universal, o imperador apresentou-lhe e recommendou-lhe particularmente o artista a quem o principe comprou um quadro por 36 contos de reis fortes.

De então para cá Meissonnier passou a ser o pintor dos millionarios.

Comprar uma tela de Meissonnier não significa apriorado gosto artistico, não significa amor pela arte. Comprar uma tela de Meissonnier é fazer constar á humanidade que se tem muito dinheiro; é ver o seu nome impresso no catalogo dos grandes collectionadores da Europa e da America; é deixar perceber ao mundo que no orçamento das despesas de luxo se encontra uma verba de 300,000 francos para uma tela de um palmo quadrado, encomendada ao artista que mais caro se faz pagar em França.

E no entretanto a gloria artistica da França não vem da obra de Meissonnier; não foi Meissonnier que augmentou a reputação de que hoje goza a arte franceza no seculo XIX. Se a França é hoje o primeiro paiz do mundo em arte, deve-o aos seus paysagistas como Corot, Courbet, Rousseau, Daubigny, Diaz; aos seus animalistas como Troyon; aos grandes artistas que se chamam Carpeau, Millet, Thomas Couture, etc., etc.

O pintor Meissonnier é evidentemente um artista de primeira ordem; mas não é a sua obra que faz a reputação d'uma raça, não é a sua obra que faz a gloria d'um paiz. Se Meissonnier não tivesse existido nem por isso a França deixava de ser celebre nem notavel. Meissonnier é uma grande personalidade; mas em nada altera nem no progresso nem na decadencia artistica de qualquer nação. Elle é muito *elle* para ser a expressão d'uma arte nacional.

Em todo o caso artista superior, cujo retrato nós hoje damos com prazer, para commemorar o cincoentenario artistico d'um pintor diante do qual todos se devem descobrir, respeitosa-

### A CAMINHO DE LONGCHAMPS!

A SCENA é bem conhecida e a gravura é encantadora, d'um grande arrojio e d'uma grande felicidade de desenho.

O *mail-coach* desfilia pelas largas avenidas do Bosque de Bolonha, governado por um *sportman* vestido com o maior rigor da moda ingleza. Vae a largo trote, arrastando um grande ar de gloria e de pompa.

Quando o *mail* passa sob as acacias em flor, os cavalleiros voltam-se para o admirar, e admirar também o perfil agradável das gentis senhotas que conduz.

D'aqui a meia hora, depois de atravessar todo o Bosque, achua-se na grande esplanada de Longchamps, rolando sobre a *pelouse* de velludo, onde morrem todos os ruídos, e onde Paris inteiro espera o momento solemne da corrida do *Grand-Preis*.

E esse momento chega por fim... dá-se o signal da partida... os cavallos lançam-se a todo o galope... ha milhares de binoculos que os acompanham na carreira vertiginosa... um minuto depois toda aquella multidão grita *hurrah! hurrah!* pelo vencedor... E os cavallos tem movido milhões de francos em apostas.

Depois o nosso *mail-coach* volta de novo pelas lindas avenidas do Bosque; tornea o Arco do Triumpho á hora em que o sol tomba ensanguentado para as bandas do occidente;





desce os Campos Elyseos, onde uma onda monstruosa de carruagens rôla com um surdo rumor de oceano; e ás onze da noite, antes de partir para o baile do Hippodrome, n'uma sala do *Lyon d'Or* ou n'um gabinete dos *Am-bassadeurs*, o nosso *sportman* levanta entusiasmaticamente a sua taça de champagne para beber á saúde de *Little Duck*, o grande vencedor d'este anno.

É o alto Paris que se diverte!

### A KERMESSÉ

O 4.º numero da *Illustração* tem a grande honra de commemorar a festa de caridade promovida em Lisboa por Sua Magestade a sr.ª D. Maria Pia, em beneficio das *erêches*, com um magnifico desenho devido á penna do eminente artista Raphael Bordallo Pinheiro.

É uma homenagem que prestamos á illustre senhora que tem sabido conquistar pelos seus elevados dotes de coração a sympathia, a estima e o respeito de todos os portuguezes. Entre as soberanas da Europa é a nobre filha de Victor Manuel a senhora que pode contar em torno de si com maior numero de dedicações. Portugal é infelizmente um dos paizes onde os assumptos politicos mais rapidamente tornam o aspecto de questões pessoais, descendo do nível da pura critica para baixar ás vezes ás ultimas inconveniências. No meio de todas as perturbações que possam agitar de tempos a tempos este pequeno paiz, a Rainha tem merecido sempre o respeito de todos, e todos se descobrem quando na sua frente passa a figura distincta e sympathica da esposa d'el-rei D. Luiz.

Mais adiante encontram os nossos leitores o artigo da *Kermesse* devido á penna do nosso brilhante collaborador Fialho d'Almeida; bem como a poesia offerecida a Sua Magestade pelo illustre poeta brasileiro Luiz Guimarães, poesia cuja edição se esgotou inteiramente, e que o auctor nos enviou com amavel dedicatória, destinando-a á publicidade do nosso jornal.

E que havemos de dizer de Bordallo Pinheiro? Que é com o maior orgulho que a *Illustração* conta hoje entre os seus collaboradores artisticos o nome d'um dos artistas mais originaes e mais notaveis, não só de Portugal, mas da Europa.

### JEAN RICHPIN

Os poetas modernos da França é este o que mais ruido tem feito em volta do seu nome, desde o famoso livro de versos *Chanson des gueux* até á sua recente entrada no theatro da *Porte-Saint-Martin*, onde representou com Sarah Bernhardt o seu drama *Nana-Sahib*.

Jean Richepin é um poeta e um prosador de primeira plana, e na obra do artista encontra-se muita influencia de Hugo e muita influencia tambem de Jules Vallès, sobretudo quando se folheiam as chronicas que elle ha tempo escrevia no *Gil Blas* e que se acham colleccionadas em volume. Aparte os seus exageros e as suas crueldades por vezes brutaes, não podemos deixar de considerar Richepin como um artista superior.

Damos o seu retrato no momento em que elle publica mais um volume de versos — *Blasphemias* — e no momento em que a grande actriz Sarah Bernhardt está representando no *Porte-Saint-Martin* a sua traducção e arranjo do *Macbeth* de Shakspeare, traducção que tem suscitado enormes reparos da critica parisiense pela semcerimoniosidade com que Richepin pegou na obra do poeta inglez retalhando-a a seu modo, e acomodando-a como melhor lhe pareceu ás exigencias do theatro e de Sarah.

Os nossos leitores conhecem muito de nome

o poeta, especialmente os nossos leitores do Rio de Janeiro onde ainda ha pouco tempo se representou um seu drama *La Gita*, com o titulo de *A Mulher-visco*, traducção de Henrique Chaves, o brilhante redactor da *Gazeta de Noticias*. Apresentando hoje o seu retrato julgamos ter publicado uma curiosa gravura que ha-de ser deveras estimada, principalmente entre a nova geração litteraria de Portugal e do Brazil. Mais adiante encontrarão um artigo sobre as *Blasphemias*, artigo devido á penna do nosso distincto collaborador Jayme de Segulier.

O nosso jornal publicará no seu 5.º numero uma gravura reproduzindo DIOGENES, o magnifico bronze que a sr.ª duquesa de Palmella expoz este anno no «Salon» de Paris e que foi premiado pelo jury d'esculptura.

### SALVÉ REGINA

*So io ben ch'a vader chiuder in vena  
Sue laudi, fura stanco  
Chi più degna la mano a scriver porae.*  
PETRÁRCA.

Princeza, vens da Patria irradiante  
Que a um tempo concebeu — obra divina!  
Tasso, Petrárca, Buonarroti, Dante,  
Laura, Eleonora, o Sanzio e a Fornarina.

Symbolisa a Gloria. O Povo inclina  
A frente quando passas deslumbrante,  
Com o teu fulgor de Aurora no levante  
E as tuas graças lyriacs de ondina...

Mas tu és grande, oh triumphal Maria,  
Por que das alvas mãos, dia por dia,  
Deixas cahir a esmola e não te canças:

Como as Madonas no sendal da Gloria  
Irás subindo aos terminos da Historia  
N'uma nuvem de flores e creanças.

LUIZ GUIMARÃES.

Lisboa, 17 de maio de 1884.

### AS BLASPHEMIAS

POR

JEAN RICHPIN

ESTE diabo que os srs. alli vêem, moreno e de olho atrevido, tem como se costuma dizer em França *alguma coisa no ventre*. Em menos de 2 annos sabem o que elle fez? Um grande romance semi-phantastico; um drama em 5 actos em verso, e uma serie de poemas que reuniu agora n'um 'grosso' volume, — qualquer coisa como 6' ou 7 mil versos, todos elles brutaes, furiosos, a bufarem chamma e fumo como um morteiro que vae rebeentar! Ha bem pouco tempo ainda — digo-o por minha vergonha — eu nada conhecia d'este Richepin. Ouvia fallar como toda a gente na *Chanson des gueux* mas nunca a tinha lido; ha mezes por acaso cahiu-me nas mãos um drama d'elle, *Nana-Sahib*, uma grande machina em 5 actos com tiros, derrocadas, envenenamentos, peçonhas e cobras cascavel!

Mus que versos, meus filhos, mas que versos! Fiquei pasmado! desde os *Châtiments*, que eu não lera nada semelhante! Aquillo brilhava, flamejava, sibylava! Imagens rutilantes como rainunculos e novas, frescas, vigorosas, ainda humidas de orvalho; estrophes d'uma harmonia celeste; alexandrinos sahidos d'um só jacto, bruidos, flexiveis, como laminas de Toledo! E depois que atrevimentos! Cesuras violadas brutalmente como n'um saque; rimas a rincharem de se vêrem juntas, como dois potros rivaes reunidos em parella; a sintaxe tratada a polé e a cavalete; mas que vigor, que superioridade, que seiva, que estro juvenil e potente! Fiquei entusiasmado, palavra de honra, e esqueci tudo, a trapalhada indecifrável d'aquelle enredo pueril, as situações sem nexo, a dançarem em volta do typo principal como um côro de bruxas, e o romantismo cabelludo e espumante que se espolinha em todo aquelle grosso dramalhão, para ver apenas o artista, o poeta vigorosissimo, o joalheiro admiravel que lapidára os versos do combate entre o elephante e os tigres e da scena de amor entre Nana-Sahib e a amante.

É este poeta esplendido que eu encontrei de novo n'este volume das *Blasphemias*. Unicamente d'esta vez, em vez de vir só, vem na companhia d'um philosopho muito reles.

Este volume intitula-se as *Blasphemias* e podia intitular-se as *Pragas*. A sua philosophia é simples; reduz-se a esta coisa redondinha e ôca — o — que se chama zero. Olá, Buddha, Brahma, Osiris, Teutates, Odin, Jupiter, Jehovah, *espèces de dieux!* tenham a bondade de se pôr na rua quanto antes! É simples como: «Passou bem?» Esta especie de philosophia é tão boa que até dispensa de ter philosophia. Nada! Nada! Nada! Zut! acabou-se! O que ha de mais curioso n'isto é a boa fé do poeta. Elle está docemente persuadido (isto transparece em trinta logares diferentes) de que derrubou alguma coisa e de que o seu livro fez ruinas. No poema intitulado a *Morte dos deuses* elle entra-me com um chicote no firmamento e desata á chicotada a todos aquelles senhores que eu citei em cima. Já se sabe, pernas para que vos quero! O peor porém é que um poço — o poço do infinito, podéra! — abre-se-lhes, na frente. Catrapuz! lá vae tudo ao charco, de cabeça para baixo. E o poeta, encostado prudentemente á borda, para não cahir tambem, segue-os com um olhar victorioso e em seguida voltando-se para o genero humano, exprime-se modestamente, annunciando-lhe o acontecimento:

— D'aqui por diante, irmãosinhos, podem dormir descansados. Deuses? Isso foi tempo. Agora nem racha. E quem foi que deu cabo d'elles? foi cá o menino, fui eu, foi Bibi!

Esta ingenuidade, filha da própria riqueza de temperamento, faz sorrir; sobretudo quando se acaba de ler o volume. Ah! não é d'estes energumenos que a egreja, que a religião tem alguma coisa a recelar. A sua própria violencia os torna inoffensivos; o espectáculo da sua furia é muito mais pittoresco do que convincente, e a gente que se junta em volta d'elles e para os ver e não para os seguir. O simples e fino sorriso d'um mathematico ou d'um chimico e com mil vezes mais cruel para vós, homens de crenças vivas, do que toda aquella heresia.

Abstenho-me de analysar o volume, pois



levar-me-hia muito longe. E depois estou ainda quente da leitura; este diabo enfeitica-me com a sua pyrotechnia de imagens e de tropos luzentes; não vejo senão ouro, esmeraldas, carbunculos a flamejarem deante de mim; não posso indignar-me tanto quanto sinto que o devia estar — sobretudo deante de tanta gente — pelo que ha de abominavel, de immoral e de absurdo na maior parte d'aquellas paginas. Vou pois dar-lhes uma ideia summaria do livro, abstando-me de o considerar como trabalho philosophico, para só o observar como uma obra de arte.

Depois d'um prologo em estrophes de doze versos (genero particularmente estimado pelo poeta), impregnado d'um *spleen* byroniano, depois d'um poema



O POETA JEAN RICHEPIN

intitulado *A Vida* e em que o mesmo desalento se revela em phrase que desce ás vezes até á obscenidade, — abre-se uma collecção de sonetos que o author intitula de *amargos* e que são sobretudo *indecentes* pela maior parte. Por muito menos do que este sr. Richepin se não envergonha alli de escrever, já elle proprio passou um mez no calabouço. Elle assim o conta na edição definitiva da *Chanson des gueux*, na poesia intitulada *Idyllio de pobres*, onde chegado a certo ponto se interrompe brusca-mente com estes 2 versos :

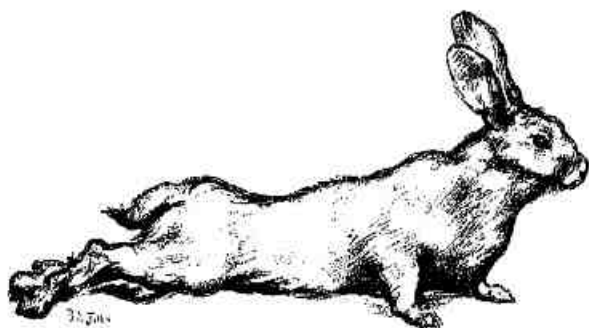
*Ici deux gueux s'aimaient  
(jusqu'à la pâmaison  
Et cela m'a valu treize jours  
de prison.*

A lição porém não lhe servio e aqui o temos mais desbragado do que nunca.



PASTEUR NO SEU LABORATORIO





Coelho inoculado (quartos-trazeiros paralisados).



Morre amanhã!



Cão preparado para a inoculação.



Scene final.



Para lhes dar uma ideia do genero d'estes sonetos, aqui vaç a traducção fiel quanto possível de um d'elles. Não se assustem. Tive o cuidado de escolher o mais manso:

## ANALYSE

O Prantos, em que vão diluir-se os rancores  
Assim como se funde e se derrete em chuva  
Um coa negro e fatal como um crepe de chuva!  
O Prantos, ó mais suave e doce dos licores,  
Quando um beijo vos sorve em labios seductores,  
Como o sol quando põe a tempestade em fuga  
Do prima hauré o esplendor nas nuvens que elle  
[enxuga]

Prantos, astros de luz que tombaes sobre as dôres  
Como o relento cas sobre as corellas mortas]

Vauquelin e Fomercroy acharam nas retortas  
Toda a composição do vosso fluido ideal.

Aqui está o que os dois vieram a descobrir:  
Agua, sal, soda, muco e phosphato do cal.  
Prantos, perolas d'alma!... Ora deixem-me ri!

Saltemos ainda por cima da collecção de poesias intitulada *Garnaval*. Parece — se o não são — as locubrações d'um estudante de rhetorica, em prurido de materialismo feroz. Tudo isto até aqui é mediocre, mesmo na forma, pueril, grosseiro. De vez em quando um palavrão de taberna vem espapar-se no meio do verso como um sapo, Abram agora os olhos e leiam-me o que se segue — A *Supplicia ds estrallas*, a *Oração do atheu*, o *Judaí Enrante*, a *Morte dos Deuses*, a *Canção do Sangue*... E digam-me se não sentem um calafrio na espinha.

A *Morte dos Deuses* sobretudo é d'um vigor phenomenal. Ha dias um critico referindo-se sem duvida neste poema, dizia que por vezes pensara em diante ao ler Richépin. Aquillo vem sobre nós como uma tromba marinha, rodopiando, silvando, irresistivelmente. É um turbilhão de gritos; de imprecacões, de uivos de luxuria, de gemidos de agonia, de gargalhadas infernaes; turbilhão multiforme, feito de sangue, de odio, de treva em que de espaço a espaço uma fenda se rasga, por onde escorre o azul do ceu. Nuaca o verso humano foi brandido por mão mais allucinada e mais furiosa. É o latego de uma furia; é uma cauda de serpente damnada, que nos fustiga o rosto e que nos deixa arquejantes, estupefactos, sem respiração.

A mão d'obra é sobretudo a que mais admiração inspira. Ao pé das rimas de Richépin, Rothschild é um pobretão. *Enfances*, *Banville* e os *parnasianos*! Todas as formas do verso, todas as formas da estrophe são igualmente amadas, acariciadas, brutalizadas por elle. É um amante de mau genio, que beija e espanca ao mesmo tempo a sua musa. E por isso talvez que ella lhe obedece tão amorosamente e que se lhe entrega d'uma forma tão doida, deixando-se culcar aos pés, acariciar brutalmente, erguendo sempre para elle os seus doces olhos de escrava. De vez em quando faz do ver um martyrio assim, sobretudo quando o furor o embecta e a injuria lhe borbulha dos labios em espuma de obscenidades. Pouah!...

Os versos finais, os ultimos *lâulos* e os *Velhos astros*, conservam sempre o leitor em *hâbitue*, sem o deixar esfriar um momento sequer. Sabem com quem este diabo tem grandes pontos de contacto? Com o nosso *Guerra Junqueiro*! É a mesma *verve* insolente, o mesmo riso *gouailleur*, a mesma exuberancia de phantasia, a mesma sensualidade na forma. A ironia de Junqueiro tem

portm mais facetas do que a d'elle, e as feridas que elle faz não se fecham tão facilmente porque os seus labios não unem; depois o artista que escreveu a *Monte de D. Jodo* tem sobre o outro a grande superioridade de nunca se deixar embatter e de conservar mesmo nos seus arrebatamentos um sangue-frio de gentilhomem que lhe permite medir o abysmo e tomar o pulso a vertigem. É o que não succede a Richépin que toma o freio nos dentes como um *pur sang* fustigado, e que de vez em quando se espolinha no chão sem cuidar de saber se é de relva ou de lama.

Quanto ás suas pretensões de iconoclasta e de fustigador de deuses, perdoemos-lhas em attenção á sua boa fé, tanto mais que elle tomou o seu papel a serio, e até accommodou o seu physico ao personagem. Não reparam n'aquelle perfil diabolico, n'aquelle nariz adunco, n'aquelle labio arreganhado e n'aquelle olho de Encelado que quer escalar o ceu?

JAYME DE SEQUIER.

Ver no 5º numero a copia da «Partida de Xadrez», a um dos quadros mais celebres do grande pintor Meissonier de quem hoje damos o retrato.

## A KERMESSE

**D**iziam que deliciado pelo caloroso successo do seau a beneficio dos *albergues nocturnos*, o rei Luiz exclamára — nenhuma festa em Lisboa, por concorrida e bem paga que seja, poderá lançar nos cofres de beneficencia mais que meia duzia de contos. Porém a rainha, confiada na adoração em que é tida, foi ao ponto de duplicar vaidosamente a quantia. E porque elle não soffresse a vivacidade italiana o demorar-se n'esta tão simples affirmativa, a princeza ia triplicando, que sei eu? quadruplicando a cifra que o rei tinha lançado em palestra. — Que? dizia o monarcha n'aquelle seu riso incredulo. Alcançar por uma festa vinte e quatro contos, gotejados moeda a moeda das algibeiras burguezas?... Em Lisboa... n'uma cidade onde os capitalistas são empregados publicos e os nobres fazem visitas em carros *Ripert*? Deus, meu perdão, mas V. Magestade vae crear-se embarcos que não cuida.

Mas uma confiança purpurejava o riso da rainha: e logo ali foi planeada a *kermesse*, por forma a aproveitar todos os esforços, acellar todas as collaborações, e fazer luzir á luz todas as pompas. — Demos-lhe um caracter campestre. N'um paiz onde a agricultura é suprema riqueza, como dispensar os elementos decorativos das arvores e das flores? E espantavam-se programmas ridenticissimos. Seria uma ressurreição das pastores refinadas do seculo xviii. Senhoras da corte venderiam queijos sob o corno idyllico das arribas formadas e sem cor de céu — vestidas de camponezas, como nos leques d'Alberte Abraham-Brosse: e ouvir-se-hia o *ting-ling* das fontes de leite, correndo sobre lagosinhos de fayança das Galdas, entre tufos de luzerna e madresilva. E toda feliz da *trouaille*, a rainha batia as suas mãositas diaphanas. Todavia el-rei ouzou certas restricções, n'um meio humor de burgomestre allemão. Em verdade, la elle pugnando, Lisboa não comprehenderia festa tão exclusivamente campestre, reconstruida talvez sobre velhas estampas, por trabalhos subitís d'erudição — e que assim planeada divertiria de preferencia as altas classes pelo que viesse a ter d'imprevisto, não a turba alfacinha, educada no espectáculo da feira das Amoreiras, dos Domingos nas hortas, e

das cautelas dos senhores Fonseca e Campeão.

— Necessario, dizia elle com o seu pratico intuito, que o certamen participasse de tudo isto, senhora — a loteria, a barraca das queijadas, a venda de cavallinhos de pau, o *retiro* á sombra do parreiral n'um desvão d'estrada fóra de portas — affim que a grande turba de povo acorra em massa a esmolar os passáritos implumes que vem dormir sob a vossa aza, enquanto as mães gastam as forças no labutanda officina. Depois lhe ajunareis episodios mais finos, onde os delicados palpem por seu turno, a certeza de que não foram esquecidos...

★

Não me lembro se lhes disse que a festa revertia em proveito das *creches*, partindo a iniciativa da rainha. Dois mezes que os jornaes commentavam o programma, annotando-o, dizendo o numero dos bazares, dando listas dos objectos offerrecidos, ou descrevendo os pavilhões e kiosques a construir. A *kermesse* ia ser na Tapada, vasto recinto talhado em parque com taboleiros de relva, todo em bosques de nespereiras, araucarias, pinheiros e grandes fetos; cheia d'arbitrariedades bizarras, tendo no alto os pavilhões da Exposição Agrícola, e descendo em amphitheatro contra o rio, que d'aquella altura, bem sabem, deixa mirar a mais luminosa aguarella, e a mais profunda perspectiva. Vinte dias antes, quando a Exposição foi aberta, já todo o mundo fallava da *kermesse* n'uma anecdote: e estranhas noticias começaram a circular. Segundo parece, os brindes choviam de toda a banda n'uma estontedora profusão de riquezas — taças de Sèvres montadas em prata, jarrões chinezes vermiculados d'oleo, estatuetas, fayanças, aguarellas, bordados, livros, desenhos, *bonbons*, velhos vinhos generosos — d'um Porto antidiálviano ou quazi, que não está bem averiguado se já fizera cambalear Noé. Tudo o mundo entrou a impôr-se como dever, o enviar sua bugiganga á festa da rainha; e foi uma furia de presentes e bizarras! Simples hortaliças do mercado, mandaram cabozes de fructa. Operarios vieram trazer um ou dois dias de trabalho gratuito. Fabricas e lojas davam dos seus productos — e choveram loiças, chites, presuntos e côtes de calças. Já o numero das offertas excedia todas as esperanças, e ainda mal tinham começado as remesses. Que de micabolantes phantasias fermentou a caridade n'esses miolos lisboetas, ardendo em santas vehemencias de fazer bem! Sim! perdoemos-lhes as pinturas a oleo. Os estupefactos bordados sobre almofadas e stores. Cestinhos de conchas com presapes de cera. Canarios empalhados. Anjos de caridade em miolo de figueira. E uma infinita copia d'elegias e sonetos, onde a viva intenção de prestar culto á princeza, mal deixava esquecer os encarquilhamentos do estro e os joanetes da forma atormentada e deprimente. Auctores incomprehendidos, desempoeiraram as suas edições intactas, todas as escolas, estylos e processos, e arrojando por centenas os volumes, pediam voga á caridade. Uma familia d'Aveiro perpetrou não sei que vasto jornal com versos e prosa de todos os seus membros, sem excepção d'idades, vocações ou sexos — e aquillo chega furibundamente pelos caminhos de ferro, com setecentos demonios! Bufando rimas epilepticas. E enquanto Canaças despacha em grande velocidade a sua heroica fanfara, um maestro Bahia sacca dos centros inventivos uma tresvaladissima polka de fazer hydroptisias nos ventres dos bombos, e provocar *delirium tremens* nos pistões dos clarinetes.

★

Isto porém são as faces chocarras de todas as boas acções espontaneamente brotadas do coração popular, incorrectas nas vehemencias do seu facto, e sem pore d'antemão combinada ao



espelho. O que resulta é uma sinceridade vibrante, a alma colectiva, uma finura rara d'intenção: e tanta bondade de caracter na raça, que por trez dias me chegou a parecer commovente este retrato de serão em que nascemos! Ao simples gesto d'uma inerte e pallida senhora, que em pouco e pouco, n'uma discrição apparente d'espirito, para si foi tomando o papel mais sympathico da cora; e que assim idealmente fransina, silenciosa, quasi triste, vencendo a rigidez da pragmática, soube tocar com uma intelligencia lúida e profunda, o lado emocional da turba; ao simples gesto da sua mão exangue e luminosa, vemos as corporações succedirem o egoismo dos dias ordinários, a imprensa incendiar a curiosidade geral, a cidade ir-se preocupando, e accorrer ao chamamento da princeza que pede esmola em nome das creanças que ainda nem falam e já tem fome. Eis o commercio desviando o olhar dos mythos que se entrecrocão, para orvalhar com gotas de oiro a simples roza-chá que ella lhe enovava na lapella: as senhoras da alta vida, desacolchetando dos hombros a fria corcova desdenhosa que o povo lhes advinha através o christal dos landeans, e vindo colher dadivas, construir barracas e guarnecer os balcões de venda. E opulentos que fazem generosidade a cheques de quinhentas libras. Vaidosos que buscam a evidencia na esmola. Usurarios que avançam dez libras sobre uma flor, sonham para mais tarde os lucros d'um fornecimento. Logistas que aproveitam a occasião de se atixarem. Simples bons homens que querem ser commendadores. Commendadores que farjam grã-cruzes. Capitalistas inquietos que perguntam a cada golpe de bazarria — e para quando a minha conta de nobreza?... Graciosas senhoras que acham dentro do papel de demoizelles de magasin um ponto de vista novo para o ideal da graça feminina. Meninas que põem os seus primeiros vestidos de senhoras e debutam na vida como jovens toutinegras, assustadiças, ainda salitantes, ruborizadas por qualquer palavra, baixando os olhos n'um titubamento, mas tendo já o arsenal de sedução instinctiva da mais experimentada muadana. Os mesmos dandies, hein?... e galvanizam em homens validos, que abandonam ao apello da boa fada as humbreiras das tabacarias e a atmosphera morna dos clubs: e chamados á vida útil, a sua actividade não conhece a fadiga, nem a sua bolsa é capaz de recusas. E então que o programma da festa se amplia até para além das mais pictorescas invenções, e que no vortilhão dos offercimentos e donativos, começam a organizar-se lucidamente os numeros do pictoresco certamen.

\*

N'este ponto se me affigura pallida a tina com que escrevo, tamanha luz radia no desenho que Raphael Bordallo faz hoje na *Illustração* — alguma coisa com a graça aerea de Scott, o galante humorismo d'Adrien Marie e a mobilidade nervosa de Courbain. Elle descreverá por mim o panorama da *kermesse*, kiosques, tendas, pavilhões, angulos de balcão, torrelas, corcuros, pombas — este doce perfil cõr de magnolia, que se debruça, avançando o bec por sob uma ogiva de plumas escarlates — lá, um jarrão d'onde repusam as grandes palmas da *livingstonia*, n'uma decoração quasi architectural — e panoplias, umbellas, grupos — as montanhas fronteiras a reflectir-se no rio, do outro lado, baixas e monotonas — barcos que passam n'um fundo amoroso d'aguas verdes — aldeias a sepiar, estumacadas no longe — e ao cimo, graciosamente cortados n'um ceu de lapis-lazulli, as trez tulipas d'ardozia da Exposição Agricola. Não se imagina o encanto d'estes ligeiros bazares irregularmente espathados n'um campo de trigo, entre sebos de hera e macissos de flores — mil feitos, mil mosaicos, mil ornamentações caprichosas — cobertos de premios em aparadores de velludo, servidos por *toilettes* do

estilo mais puro, e illuminados a socinhos do mais fresco escalet. Lisboa, terra classica de mulheres feias, no dizer de viajantes, repelle hoje aquella reputação de mau sestro por não sei qual evolução refinada, vingando-se em possuir o que a mais ideal formosura aos vire annos pode archivar de capivante e divino. Desappareceu ha muito dos salões o typo de Venas barbauda, Venus pouco espinho, que espavoria os officiaes da marinha ingleza nos bailes da senhora regente. Uma raça de brancas mulheres flexiveis e altas, cabellos castanhos e boccas em flexa, belleza mais intellectual do que physica, fundada na scintilla hysterica dos olhos, na exquiritude das mãos, nas fragilidades da cinta, passeia hoje os asfaltos da nossa bella cidade, enche os salões de concerto, faz os *five o'clock tea*, applaude nos theatros, revoluta por essas praias e estações d'aguas — com pés quasi espirituosos, dolencias d'espaldas, e nuces de oiro em que parece anticharem-se colibris de beijos. Belleza sem amplitude, convento, sem traços salientes, d'acordo, sem unidade, sem architectura; belleza fruste, flor d'um dii, fundada nas carnes, e que uma vez fanada, como não tem transição, resvale nas pelles de gallinha d'uma velhice precoce.

Mas em compensação, a sua adolescencia é o que o manto tem de mais encantador, de mais elastico, de mais destre; e allas ali vão por bandos e revoadas, as bellas Dianias e Ledas, adeante das mamãs, braços dados, rindo e pipilando nos peristillos dos theatros, cingindo ao busto os forros das suas *sorites de bal*, recompondo sobre as testas cabellitos rebeldes, *lorquando* os rapazes com ares de duquezinhos á Brantôme, e na intima delicia da sua adoravel frivolidade. Lá estavam outro dia todas na *kermesse*, essas galantarias vivas de desolto annos, algumas ainda elancadas n'uma especie de hesitação de sexo, ressumbrando virgindades já provocantes, e tendo nos iris roaiadas a castanho e fulvo, alguma coisa da astucia ingenua das gatinhas nubes. E a estravaganancia dos vestidos, o *pâte-mêlé* das côres, a fanfarrona postura dos chapaus atehissimos de copa, aba curta, e molhos de plumas mirabolantes!... E invadiam o recinto das barracas, comprando sortes, coixando por traz das ventarolas abertas, perdidas n'um vortilhão de quarenta mil pessoas. Lisboa passava de tanta rapariga formosa. Mas d'onde vem ellas? Residem acaso na cidade? Transfigurou-as a boa intenção de terem vindo á festa? Muitas, as mais altas de nascimento e de nome, vendiam nas barracas, sob velarios de riscas, em trajos de phantasia. M<sup>ma</sup> Carolina Burney, filha do já celebre argentario, que escrevera um volumito de historias a beneficio das creanças, vendia ventarolas e bugangas, reproduzindo em costume a mais deliciosa chinesa que um miniaturista de genio esmaltara no bojo d'uma *patte de Ming*. Outra joven senhora da familia, em costume de hespanhola, era encarregada dos tabacos e chocolates. M<sup>ma</sup> Senpa e Delplano estavam de levadeiras minhotas. As pequenas Anjos em *payzanas* suizas, vendiam queijos e manteiga fresca. Burnays de todos os tamanhos e côres de cabellos, vendiam laranjas, bolos, sortes, quinquilharias — os pequenos Jardins tinham jornaes... E d'aqui para deante, meus amigos, impossivel coordenar impressões e notas. O espirito fatiga-se dizendo por minucia as viscondessas e galantes baronezas, todas as senhoras de nome historico ou proverbial formosuras, que tinham vindo por a sua actividade da obra evangelisadora da rainha Maria Pia. Ah, meus senhores! O que ellas desenvolveram n'este concurso de talento scenico, graça artificiosa, espirito e adoravel *calineries*, e por si só um poema de sagacidade e ruse feminina. Voltando os olhos sobre as letras, gostaria de especificar no *charivari* de publicações, dois ou trez jornaes de boa sociedade — a *Lisboa-Creche* por Corazzi, com desenhos — a *Italia*, ricamente illustrada por Raphael Bordallo — a *Piece*, da condessa d'Almedina. A *kermesse* rende trinta contos; mais talvez. Successo unico

em Portugal! Enlutando á palestra d'el-rei que originára festo semelhante, um culemburista — Em coisas de caridade, o rei já não quer meças coa rainha.

Uf! prendam-me já esse mariola.

FIADO D'ALMEIDA.

## BIBLIOGRAPHIA

**E**n occasião da *Kermesse* promovida por Sua Magestade o sr. D. Maria Pia, varias pessoas tiveram a idéa, a exemplo do que se faz no estrangeiro e especialmente em Paris, de fazer publicações especiaes cujo producto revertesse tamhem em favor das creches.

Alguns d'essas publicações chegaram até Paris á redacção da *Illustração* com dedicatarias extremamente amáveis de seus auctores e editores, o que nos deixou percolar que o nosso jornal tem adquirido em poucos dias as maiores sympathias em todas as classes da sociedade portugueza.

Em todas quantas temos recebido o mais que nos surprehende é a belleza das impressões, impressões que podem rivalisar com as melhores que se fazem em França, em Inglaterra e na Allemanha, impressões de primeira ordem e a que só em Paris, comparando com os trabalhos que saem das casas celebres onde ha todos os aperfeiçoamentos recentes na lithographia e na typographia, se pode dar o justo valor. Os artistas portuguezes tem sido e hão-de ser sempre dignos concorrentes dos artistas estrangeiros.

O nosso activo agente em Portugal, sr. David Corazzi, publicou um jornal *Lisboa-creche*, jornal que offereceu a Sua Magestade, e que é uma verdadeira maravilha como execução artistica, quer na impressão typographica quer na impressão lithographica, sendo conjuado n'esta empreza pelo notavel artista Bordallo Pinheiro e pelo lithographo sr. Guedes, de cujas officinas estão saindo trabalhos eguaes a tudo quanto se faz de bom na Allemanha e na Hollanda.

O sr. dr. Luiz Jardim publicou tambem um jornal *Italia* onde reunio algumas das suas curiosas impressões de viagem pelo paiz do Dante, e devemos confessar que a offerta é d'um homem de muito gosto e d'um homem finamente illustrado. Que-rendo dar maior encanto ás paginas do seu jornal, chamou em seu auxilio um ilustre collaborador artistico — Raphael Bordallo Pinheiro — e não se imagina o quanto foi feliz o lapis que desenhou paginas tão bellas e tão soberbas sendo a execução lithographica confiada ao sr. Guedes e a execução typographica ao sr. Christovão, de cuja officina tem saído as mais esmeradas publicações. A execução artistica da *Italia* honra a corporação dos typographos e lithographos portuguezes, e a idéa e a offerta do sr. Luiz Jardim são dignas do maior elogio.

Foi tambem da officina typographica do sr. Christovão que sahiu o soneto do nosso brilhante collaborador Luiz Guimarães, soneto que nós damos em outro lugar d'esta folha.

Tamhem appareceu um outro jornal *A Piece*, publicado sob a direcção da sr.<sup>a</sup> condessa d'Almedina, sem a menor collaboração artistica e apenas collaborado litterariamente.

E francamente, desde o momento que fazemos a critica e não o elogio de todos estes trabalhos, devemos dizer que a parte litteraria tanto da *Lisboa-Creche* como da *Piece* deixa muito a desejar, e que não vala a pena que typographos tão distinctos como são os typographos portuguezes se embocem em soberbas edições — quando aplaina e o vetu são tão mais e tão mediores. Aparece uma d'uma ou uma dúzia de nomes respeitaveis que rubricaram linhas d'uma grande belleza e d'uma grande simplicidade, que alluvia de phrases bonas, de versos ôcos, de pensamentos de José Bonifacio querendo ter a philosophia de Rousseau.

Entim, como a obra era de caridade não ha pouco perdovava as banalidades. Mas a colheita



da festa podia ter sido muito maior. Havia um meio simples de fazer duplicar a receita. Obrigar o autor de cada artigo ou verso enfatuado e pretencioso que tivesse sahido nos jornaes — a pagar uma milha de cinco reis por cada letra.

Quanto se poderia apurar?

Talvez cincoenta contos... e fortes!

Figaro.

Nesta secção bibliographica fallar-se-ha de todas as obras recentemente publicadas, quando se tenha mandado um exemplar para o escriptorio da Illustração, 6, rue de Saint-Petersbourg, Paris.

Nestes ultimos dias temos recebido de Portugal numerosas cartas de pessoas que nos pedem para serem correspondentes da ILLUSTRACÃO em diversas localidades do país.

Não podendo responder a cada uma d'essas pessoas em particular, prevenimolas por este meio de que para todos os assumptos de assignaturas e venda avulso da ILLUSTRACÃO se devem dirigir ao nosso agente geral em Lisboa, sr. David Corazzi, rua da Atalaya, 42.

## THEATRÔS

Está cá a esquadra! Quando este grito atravessa a Baixa e a praça da Figueira, ha um verdadeiro abalo no seio das famílias. Páa pagam palpitar com asthma, as exornadas andam com ansia.

Quando o nosso grito, que muitas vezes não é inferior ao gurgurejo parisiense, começa a desembrulhar a sua linguistica, e a accordar os echos adormecidos das nossas tranquillias ruas, com o seu consumatissimo original — Oh yes! — as memas desmaiam e os papás perdem a cor.

Poisora, do que as espaldas de fogo ou as cordas de sangue que reagem as nuvens com a preponderancia orgulhosa dos soberbos presagios que conhecem bem o seu logar no animo lacado dos moventes que os regem, essa dola grita terrivel que corram a cidade rasgando o tympano dos seus phantoms notadores acobardados mais fortes, intimidados os mais corajosos.

Dizer em 1854 a um chefe de familia, ou a uma dona de casa:

— Chegaram os inglezes, produz resultado perfeitissimamente igual ao sueto que acanetava em 1807 dizer:

— Chegaram os francezes.

Uns e outros indicam a devastação, o saque, o roubo.

As causas são diversas, os effeitos são os mesmos. Os soldados de Napoleão invadiam Portugal saqueavam-lhe as aldeias e violavam-lhe as conventos roubando as filhas de Deus; os soldados da rainha Victoria, exa-meiam-nos Lisboa, expotam-nos os mercados, e roubam as mãos de familia o que elles possuem de mais caro — as economias para os seus alfinetes.

Avise a chegada de meia duzia de navios repletos

de soldadesca encarnada e verife immediatamente encarecer o pão e o vinho, exorbitar a carne e as hortaliças, tornar-se insignificantes os ovos, as fructas, e o peixe e entretanto as honradas Augustas da nossa terra continuarem com a sua imperturbavel serenidade e com o seu riso typico trazendo e guardando o que é bom para o inglez e expondo nos seus taboleiros verdes a laranja podre e o ovo gerado que o alfacinha lhe comendo pelo Sobro do seo, conformando-se, com ar de tolo, em responder á cada mota que lhe mostra as unhas!

Não ha remedio! Estão cá os inglezes. Paciência, maninha, e aturar a cara alegre. Em todo o caso, deixa dizer-te, isto sempre traz alguma economia. Compra a gente um ovo e come um pintalhão!

Em Paris quando chega o vortio ha os mesmos effeitos, não nos mercados, nos theatros e o mesmo grito não nas ruas, nos cartazes modificados d'esta forma, ao mesmo tempo mais vasta e mais laconica:

— Chegam os estrangeiros...

Isto quer dizer que teremos continuas e estaladas repiques e só uma ou outra peça nova — podre — a que de ordinario o publico não accorre por desconhar já do que lhe queziam... offerecer.

Neste ponto, concordemos francamente que nós por lá como muito nemas expectas.

Ha, todavia, um erro em ambos os systemas. O Portuguez, boa pessoa, como tudo que lhe dá, o Francez, desconfiado, perde muita coisa boa.

Fol o que succedea agora!

Eu lhes conto co'...

Os theatros, officinalmente, estão todos fechados. Ha entretanto uma que fecham até á epocha futura outras até din mais ou menos remoto em que apresentam peças já vistas, por preços mais caros, ou baratos, ao gosto do empresario, alcançando essa epocha intercalar de: *season d'été!*

Rede para curiosos! D'aqui, ninguém cae em trinas-se e torrar-se.

Ora é este o tempo — tempo que corre de 15 de maio a 15 de setembro em que os directores de theatro acham o momento psychologico para dar á luz alguma obra em que não haem confiança bastante ou algum auctor cujo nome ainda não resolveu no sonoro pavilhão da tuba da Fauna. Aproveitam então o começo das Villégiaturas, em que Paris está afastado das terças-feiras do Theatro Francez e dasseveridades de Surcy para representarem a peça que elles julgam de contrabando.

Desta vez, a effluencia, que tem por sede o gabinete dos directores, deixou passar, não sem algum custo, Alexandre Bisson e o seu *Député de Bombignac*.

Bisson é o auctor, novo conhecido, da *Voyage d'agrément* de Rue Pigalle 115, tradisida para os nossos theatros. Não é, como veem, um contrabandista vulgar.

Não tinha porém entrado ainda noemprego dos Molieres; dos Scribes e dos Labichins pela porta do Comette e ali é que estava a difficuldade e tanto maior que este theatro abria, também pela primeira vez, a porta a um *jeune* que lhe trazia uma comella de gargalhada.

Eis pois um perfeito arcejo! Não porque Bisson seja um *jeune*, como nós lá por Lisboa os comprehendemos, em pleno gozo dos seus 10 a 35 annos, mas porque é um *jeune* á franceza, dos seus 30 a 45. Um aceno — providencial decerto — lhe valou emio e esse aceno foi a *reclame*. Deusa potente que de Paris fuzi ir toda a gente do Norte para o Sul se lhe chamarem: para lá a curiosidade e do Sul para o Norte, se lá se acenarem d'este pallo opposto.

Essa *reclame* cuja larga historia foggamir um volume e cujas commentações *pythagoricas* seis, motivou questoes, cartas, intrigas, insidias, invejas, o diabo, tudo que em Lisboa succederia em circumstancias idênticas (porque Lisboa no seu pequenino meio é mais fecil do que Paris em casos d'iste) tudo... mas sem bordado.

Pois a ideia da peça embora igual á do *Marido no Campo* não é má e o desenvolvimento é muito accionavel e,

verdade verdade tem havido menos guerra a coisa muito *peior*.

Entretanto poim que os criticos accusam em Bisson um symptoma da pouca fertilidade dos auctores francezes, estes occupam-se aplain disputar a que, sem grande erro poderemos chamar:

### O Jogo litterario do Padre Cura

Não ha muito ainda que Sardou n'um volume, em que mostra que á qualidade do eminente dramaturgo junta também a de habil o original promotor, nos provou que nunca tinha plagiado auctor algum para a concepção das suas obras e já hoje novas accusações de plagio atromam Paris arrastando no seu estrepito os nomes mais festejados da litteratura franceza.

E um vardadeiro jogo de empurra.

Dizla Sardou:

— Mente Mario Uchar, eu nunca roubei *Odette*, quem e fez foi elle.

— Eu, Sardou, eu que tinha escripto a minha *Fiammina* ha tanto tempo? Mentas tu, quem copiou foste tu. Pois menton ambos, beram de Italia, ha muito que Giacometti tinha feito a sua *Colpa vindica la colpa* e a *Fiammina* e a *Odette* são ambas tiradas de lá.

— Ah, sim, continda Sardou. Isso é mentira? Pois decido! Se plagio honro-me muito com isso. Tenho muito bons collegas, olhem: desde Sophocles a Victor Hugo não esquecendo Molliere e Shakspere e Racine e Dumas e Augier e Feuillet...

— Não, lá essa agora, oh Sardou! Faz favor. Quem mento és tu, diz Feuillet — eu nunca fuzi, quem me fuzio foi o Ohnet.

Mente e sr. Feuillet, o meu *Maitre de Forges* estava lá impresso enquanto o d'elle jazia ainda na gaveta. Querem fazer-me mal porque eu sou debutante.

Quem roubou foi Commette e Molliere e Lafontaine.

— Perdido, perdido, eu não sou do jogo mas o sr. mento, meu caro Ohnet — diz o *Gil Blas* — Lafontaine nunca roubou; isso lá, tenha paciência! Se o sr. quer um poeta que roube ahí tem o Richpin com as suas *Blaphemies*. Esse, sim senhor.

— Eu! Mentira, mentira. Mentem sem vergonha alguma. Eu não copiei. Quem o fez sempre foi Molliere e os srs. admiram-n'o, quem o faz é Hugo e os srs. respitam-n'o! Quem rouba não elles, bando de piratas e não eu.

Julgem-se as prendas e a berinda fica vazia para o auctor do *primario* original a appropere. Entretanto, como em S. Vicente, enquanto não ha rei fallado que tome o altar do meio continia o ultimo a apodrecer ali! Ohnet, com 300 representações no theatro e um milhão de direitos na algeibra é quem continia na berinda. Bom chama-dle por um substituto e bem grata que só o dinheiro, que só o dinheiro que tem ganho e que o faz detestado — nada lhe vale.

Contudo esta continia que entretém todos os jornaes, todos os theatros, todos os *ateliers* e todos os Clubs nada tem de *calamidade universal*, nem de *proximo-futuro* como os jornaes de Lisboa quejam fazer pensar.

Não, Deus nos livre! Uma causa entretanto não quero esquecer do tal joguinho santo em que agou se entretém os escriptores da França: o empenho geral em atirar como peia o nome do defunto Molliere!

Estão cançados de e applaudir ou serio apenas rai-vinhas concentradas?

Não sei o que sei, é que, eu (e provavelmente mais pessoas porque a edição não se fez só para mim) posso uma collecção das obras do grande poeta onde elle não continue as peças que imitam as que são originaes!

Sem pouca vergonha do editor?

A quizenza deu-nos também as primicias de *Les Champs-Élysées* no *Ment-Plaisir* e *Tout-en-plaisir* no *Dejaret* mas d'essa duas peças divo eu como Sarcey diz da seguinte:

De minimis non curat *propter* ov. □ J. J. Mianitia

# A ILLUSTRACÃO

REVISTA QUINZENAL PARA PORTUGAL E BRAZIL

DIRECTOR: MARIANO PINA

AGENTE NO BRAZIL

GAZETA DE NOTICIAS. — Rua do Ouvidor, 70. — RIO DE JANEIRO

AGENTE EM PORTUGAL

DAVID CORAZZI. — Rua da Atalaya, 42. — LISBOA

AVISO DA ADMINISTRAÇÃO

Pedimos a todos os nossos leitores de Paris que desejem receber regularmente a ILLUSTRACÃO a especial fineza de enviar os seus nomes e soradas ao escriptorio do nosso jornal, 6, rue de Saint-Petersbourg.

O preço da assignatura em Paris é de 12 francos por semestre, ou serie de 12 numeros, e de 24 francos por anno, ou serie de 24 numeros. O preço da assignatura no resto da Europa (excepto Portugal) é de 14 francos por semestre e de 28 francos por anno.

AS ASSIGNATURAS SÃO PAGAS ADIANTADAMENTE